

A Construção de Quantificação Indefinida com Determinantes polilexêmicos: Uma estrutura produtiva de quantificação no Português do Brasil

Tatiane Silva Tavares
Universidade Federal de Juiz de Fora_UFJF
tatytares@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho objetiva investigar, à luz da teoria da Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995; CROFT, 2007), a Construção de Quantificação Indefinida com Determinantes Polilexêmicos do Português do Brasil, representada pelas expressões: *uma pilha de nervos*, *uma enxurrada de críticas* e *um oceano de assalariados*. Fundamentamo-nos, ainda, na Semântica de *Frames* (FILLMORE, 1982, PETRUCK, 1996), trazendo à tona uma proposta de descrição da Quantificação Nominal do PB no escopo da FrameNet Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Gramática das Construções; Semântica de *Frames*; Quantificação nominal indefinida; FrameNet.

ABSTRACT: This paper aims to investigate, in the light of Construction Grammar theory (Goldberg, 1995; CROFT, 2007), the Indefinite Quantification Construction with Polilexemic Determinants in Brazilian Portuguese, represented by expressions such as: *uma pilha de nervos*, *uma enxurrada de críticas* and *um oceano de assalariados*. Assuming the Frame Semantics approach (FILLMORE, 1982, PETRUCK, 1996), we bring out the proposal for a description of Nominal Quantification of PB in the scope of FrameNet Brazil.

KEY-WORDS: Construction Grammar; Frame Semantics; Indefinite nominal quantification; FrameNet.

Introdução

Este artigo tem como objetivo apresentar a pesquisa que investiga a Construção de Quantificação Indefinida com Determinantes Polilexêmicos (CQIDP) do PB, bem como discutir os resultados e desafios encontrados durante o trabalho em andamento. Além disso, inserimos neste artigo a proposta de descrição lexical da Quantificação Nominal no PB, no âmbito da FrameNet Brasil. A Construção estudada pode ser ilustrada pelas expressões destacadas nas seguintes ocorrências:

1. *Heleninha Roithman, seu papel em Vale Tudo, era um poço de angústia e marca até hoje a carreira da atriz.*
2. *Eu acho que a responsabilidade que os votos, esse caminhão de votos está dando ao senhor nesse sentido é muito grande.*
3. *Existe uma pá de cara pilantra, não existe?*
4. *A ingestão diária de um montão de pílulas que mais parecem paralelepípedos*
5. *No caso, Maradona ostentava um oceano de razões.*
6. *Um verdadeiro dilúvio, uma enchente de cartas inunda a redação.*

A pesquisa tem como aporte teórico central a Gramática Cognitiva das Construções (GOLDBERG, 1995; CROFT, 2007) e a Semântica de *Frames* (FILLMORE, 1982,

PETRUCK, 1996). Como veremos mais adiante, considera-se que as construções de uma língua sejam pares de forma-função (GOLDBERG, 1995) e que a descrição destas deva levar em conta, portanto, a forma e as condições semântico-pragmáticas de construção do sentido. Quanto à Semântica de Frames, entende-se que é um modelo teórico que permite evidenciar as propriedades semânticas das unidades lexicais que ocorrem nas instanciações da construção, em termos dos frames que elas evocam. Desse modo, como observa Sampaio (2010, p. 40), a Semântica de *Frames* e a Gramática das Construções são complementares e, neste ponto, compatíveis, por possuírem em comum a busca pela integração entre os aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos dos fenômenos linguísticos. Nas próximas seções, serão brevemente considerados os principais pressupostos desses modelos teóricos.

1. Aporte teórico

1.1 A Gramática das Construções

O fenômeno linguístico que investigamos neste artigo não se enquadra no grupo de expressões quantificadoras tidas como “regulares” ou centrais na língua, embora estejam presentes no nosso cotidiano, no modo como quantificamos as mais diversas entidades. Diante desse impasse, é preciso assumir um modelo alternativo, uma abordagem construcionista dos fenômenos linguísticos, sejam eles centrais ou periféricos. E é a partir da adoção desta perspectiva teórica que tais expressões quantificadoras podem ser analisadas, descritas e tomadas como construções do PB.

As construções, segundo Goldberg (1995), constituem as unidades básicas do conhecimento linguístico. A noção de unidade nos remete à definição clássica de construção como pareamento de forma e sentido, que, em outras palavras, seria a relação indissociável entre os polos formal e semântico-pragmático das expressões linguísticas (GOLDBERG, 1995, p. 4).

Outra consideração importante acerca das construções é a de que todas as unidades linguísticas, em quaisquer níveis, adquirem o status de construção e por isso devem receber o mesmo tratamento. Desse modo, esse conceito abarca desde as palavras mais simples até as expressões mais complexas (expressões idiomáticas e padrões abstratos). A partir daí, assume-se que todas essas unidades, organizadas radialmente e vinculadas por relação de herança, constituam a gramática de uma língua (SALOMÃO, 2009b).

1.2 A Semântica de *Frames*

A Semântica de *Frames* oferece ao estudo da significação lexical uma nova perspectiva de análise, pois ela toma como ponto de partida a cena conceptual que uma expressão evoca. Esta teoria ganha relevo, especialmente, devido à importância que a noção de *frame* passou a merecer nos estudos cognitivos, bem como em disciplinas adjacentes, como a Linguística Textual e os estudos sociológicos da interação (SALOMÃO, 2009a, p.171).

Frames são estruturas de conceitos, baseados na experiência humana, os quais fornecem conhecimento necessário ao indivíduo para que ele faça inferências a respeito de uma situação, de outros participantes, objetos e eventos. Nessa esquematização, os conceitos são fortemente conectados, de maneira que para entender qualquer um dos conceitos devemos compreender o sistema como um todo (PETRUCK, 1996, p. 1). Por exemplo, quando ouvimos a palavra *goleiro*, ativamos um campo semântico mais amplo do qual este conceito faz parte e podemos, por isso, construir significados relacionados à cena de um jogo de futebol. Aproveitando este exemplo, podemos introduzir a noção de **Elemento de Frame** (EF), pois, ao ouvirmos a palavra *goleiro*, somos levados a ativar, mesmo que inconscientemente, outros participantes da cena, como *bola*, *atacante*, *trave*, etc. Isso significa que os conceitos destas palavras estão interligados de tal forma que não é preciso que todas elas sejam ditas, pois já estão cognitivamente disponíveis. Os Elementos de *Frame* são, então, a realização linguística dos participantes de um *frame*. Os EFs que são, necessariamente, instanciados por um *frame* são chamados de Nucleares e, de modo geral, estes elementos têm sua manifestação explícita, sendo também representados pelas funções sintáticas mais salientes, como sujeito e objeto (RUPPENHOFER et.al, 2010, p. 63).

Tanto a compreensão quanto a construção dos significados numa língua se dá por meio dos *frames*. Estes, por sua vez, podem ser invocados pelos indivíduos, numa tarefa cognitiva de conceptualização da experiência, seja ela linguística ou não, e evocados por palavras, chamadas **Unidades Lexicais** – pareamento de uma forma e um *frame* específico –, as quais acionam tais estruturas de conhecimento. Assim, ao utilizar uma língua, o indivíduo estará evocando *frames*, por meio das Unidades Lexicais que compõem seus enunciados.

Ao assumirmos os princípios da Semântica de *Frames*, negamos o tratamento componencial (condições necessárias) que a semântica tradicional vem oferecendo ao

significado lexical, pois tal abordagem é insuficiente para dar conta da diversidade gerada pelo uso da língua (FILLMORE, apud SALOMÃO, 2009a).

2. A Construção de Quantificação Indefinida com Determinantes Polilexêmicos

O espaço reservado aos quantificadores nas Gramáticas Normativas do Português Brasileiro é limitado e muitas vezes não cobre o real uso de tais expressões, principalmente no que tange aos **quantificadores indefinidos**, os quais são designados apenas por uma pequena lista que inclui expressões como: muitos, vários, poucos, alguns, etc. Vale destacar, entretanto, que esses quantificadores começam a ter suas propriedades sintáticas, semânticas e discursivas investigadas em Gramáticas Descritivas da língua (CASTILHO, 2010; PERINI, 2010). De todo modo, uma significativa parte da quantificação indefinida no PB emerge a partir de construções do tipo que tradicionalmente permaneceram à margem dos estudos linguísticos, como: *uma enxurrada de livros; uma enchente de informações; uma floresta de gravadores, etc..*

Assumindo a perspectiva da Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995), na qual todas as construções de uma língua são relevantes e, por isso, devem receber o mesmo tratamento analítico, nossa pesquisa parte de um estudo realizado por Brodbeck (2010), em que foram analisados os subtipos *uma chuva de* e *um monte de*, e se propõe a mapear, descrever e analisar o que acreditamos ser uma rede de Construções de Quantificação Indefinida com Determinantes Polilexêmicos (CQIDP) do PB. Tal construção se configura pelo esquema: UM(A) N₁ de N₂. Neste esquema, N₁ corresponde ao quantificador e N₂, ao objeto quantificado. Tal construção pode ser ilustrada pelas seguintes sentenças:

7. *José Roquette é um oceano de contradições;*
8. *o governo corre o risco de enfrentar uma enxurrada de processos na Justiça;*
9. *E tinha mais fotógrafo que eleitor, um mar de câmeras;*
10. *Te dei uma porrada de chances e voce me desiludiu.*

Recorrendo à introspecção dos pesquisadores do grupo, à pesquisa em dicionários da língua e à observação da língua em uso, realizou-se um primeiro levantamento das unidades lexicais licenciadas para ocupar a posição de N₁ nas instanciações da construção. Atualmente, trabalhamos com a seguinte lista:

Grande Quantidade		Pequena Quantidade
<i>Enchente</i>	<i>Multidão</i>	<i>Gota</i>
<i>Enxurrada</i>	<i>Penca</i>	<i>Migalha</i>
<i>Vendaval</i>	<i>Bando</i>	<i>Pingo</i>
<i>Avalanche</i>	<i>Enxame</i>	<i>Ponta</i>
<i>Inundação</i>	<i>Pilha</i>	<i>Bocadinho</i>
<i>Tempestade</i>	<i>Batalhão</i>	<i>Pitada</i>
<i>Temporal</i>	<i>Pelotão</i>	<i>Dedo</i>
<i>Onda</i>	<i>Corja</i>	<i>Dedinho</i>
<i>Dilúvio</i>	<i>Mar</i>	<i>Cisco</i>
<i>Porrada</i>	<i>Oceano</i>	<i>Fiapo</i>
<i>Bordoada</i>	<i>Rio</i>	
<i>Pancada</i>	<i>Montanha</i>	
<i>Punhado</i>	<i>Montão</i>	
<i>Bocado</i>	<i>Monte</i>	
<i>Barril</i>	<i>Floresta</i>	
<i>Poço</i>	<i>Galáxia</i>	
<i>Caminhão</i>	<i>Mundo</i>	
<i>Pá</i>	<i>Chuva</i>	

Quadro 1: Lista de potenciais quantificadores da construção

Paralelamente à elaboração dessa lista, foram selecionados treze lexemas com os quais as buscas por ocorrências da construção em *corpus* foi iniciada (*enxurrada, porrada, mar, floresta, oceano, montão, montanha, pilha, vendaval, galáxia, enchente, caminhão, avalanche*). Para isso, utilizou-se corpora da FrameNet Brasil. Através da ferramenta Sketchengine (www.sketchengine.co.uk/), buscou-se a estrutura “um N₁ de” (por exemplo, *um mar de*) e foram encontradas 969 ocorrências da Construção de Quantificação Indefinida com Determinantes Polilexêmicos.

A pesquisa realizada em corpora se justifica pelo fato de que as bases teóricas da pesquisa privilegiam a análise da língua em uso, de modo que se procura estabelecer um diálogo entre a perspectiva construcionista e a Linguística de Corpus (Sardinha 2004), para que as instanciações da CQIDP possam ser verificadas em situações discursivas reais. Além disso, propriedades como frequência de tipo/type e frequência de ocorrência/token, discutidas pela Linguística de Corpus, podem enriquecer a análise e descrição da CQIDP, uma vez que identificam aspectos fundamentais, como a produtividade e o grau de convencionalização desta na língua.

O levantamento realizado até o momento já nos possibilitou constatar que tais construções se constituem como padrões gramaticais produtivos e frequentes na língua. Atualmente, o mesmo procedimento de busca das ocorrências em corpora do PB, realizado

com os 13 subtipos identificados anteriormente, está sendo empregado com os outros 34 lexemas já identificados como potenciais quantificadores (N_1).

Pretende-se, posteriormente, realizar um estudo diacrônico dos subtipos da construção, a fim de que possamos relacionar os resultados deste estudo ao seu grau de convencionalização na língua. Brodbeck (2010), em sua tese, verifica que a expressão *um monte de* está num processo mais avançado de gramaticalização/convencionalização do que a expressão *uma chuva de*. Tal constatação é feita, dentre outros fatores, pela análise da evolução diacrônica das construções.

2.1 A Formalização da Construção: O desafio das restrições seletivas

Além da análise e descrição da CQIDP, com relação aos seus aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos, objetivamos, futuramente, a formalização da mesma para a alimentação de banco de dados de ferramentas computacionais. Tal empreendimento irá demandar um recurso de descrição gramatical, baseado na Gramática das Construções, que dê conta de padrões construcionais da língua e dos *frames* evocados por tais padrões. Foi essa necessidade que impulsionou a criação do projeto **Constructicon** (FILLMORE, 2008), em desenvolvimento pela equipe da FrameNet americana e que, da mesma forma, será implementado na FrameNet Brasil, para dar conta de construções do PB.

Entretanto, no que tange à proposta de anotação das CQIDP, no âmbito do Constructicon, algumas dificuldades se apresentam, como a impossibilidade de descrever as restrições seletivas que os núcleos de tais construções impõem sobre seus complementos. Tal impossibilidade resultaria em perda de informação semântica na descrição da construção tal como ela se apresenta. Assim, enfrentamos o desafio de explicar, em termos formais que o constructo *um temporal de*, por exemplo, é usado para quantificar um determinado tipo de entidade e não outro:

- (a) *Um temporal de informações,*
- (b) **Um temporal de prédios.*

Por isso, antes mesmo que possamos propor a formalização da construção numa ferramenta como o **Constructicon**, é necessário, primeiramente, que se identifiquem os processos cognitivos que estão por trás destas restrições de combinação entre os elementos constituintes da CQIDP.

Conforme observou Langacker (2006 apud BRODBECK, 2010, p.19), uma construção não é uma fusão de termos, e, sim, uma combinação das partes constituintes, que produzem, então, um novo sentido. Dessa forma, as propriedades semânticas e sintáticas dos constituintes de uma construção podem ser recuperadas em sua forma original. Sweetser (1988) também faz uma consideração relevante para a nossa investigação, a de que, geralmente, os esquemas imagéticos dos elementos que compõem a construção são preservados. Diante dessa perspectiva, assumimos que as restrições seletivas explicitadas anteriormente representam, na verdade, condições de compatibilidade entre os esquemas de N_1 e N_2 . Tal concepção pode nos auxiliar a compreender porque algumas combinações são licenciadas pela Construção, enquanto outras não o são:

- (c) *Um mar de informações*
- (d) *Um mar de luto*
- (e) *Uma porrada de informações*
- (f) **Uma porrada de luto*

Como podemos observar, o lexema *mar* admite como complemento as entidades *informações* e *luto*. Parece que o esquema subjacente a este lexema pode combinar-se facilmente com os esquemas de seus complementos, ou seja, o esquema de *mar* pode se caracterizar como um grande Contêiner, do qual tanto *prédios* quanto *luto* podem ser o conteúdo. O mesmo não ocorre com *porrada*, de modo que se coloca para o grupo o desafio de identificar o esquema de cada N_1 e explicitar suas condições de compatibilidade com os esquemas de N_2 .

2.2 As Projeções Metafóricas na constituição da Construção de Quantificação Indefinida

Comparando o quantificador **muito** com a **CQIDP**, Brodbeck (2010, p.122) assinala que ambos evocam o *frame* de (grande) Quantidade, o que os diferencia é o fato de que o primeiro evoca este *frame* de maneira direta, enquanto o segundo o faz metaforicamente, a partir do esquema imagético do domínio-fonte. Sendo assim, a identificação de tais esquemas cognitivos pode também oferecer pistas de como proceder com a análise das ULs em questão.

O esquema de Verticalidade, presente no domínio-fonte de construções metafóricas como: *pilha de artigos*, parece ser fundamental para a conceptualização da Quantidade, partindo da experiência humana básica de empilhar objetos. Essa motivação, aliás, é explicada

pela Teoria Conceptual da Metáfora, proposta por Lakoff e Johnson (1980), através da identificação da metáfora primária: VERTICALIDADE É QUANTIDADE.

Além desta, outras experiências básicas parecem motivar a formação de algumas construções de quantificação metafóricas no PB. Por exemplo, o esquema de Movimento. Como afirma Brodbeck (2010, p.111), a metáfora primária QUANTIDADE É MOVIMENTO MASSIVO DE FLUIDOS justifica a motivação de construções como *uma enxurrada de gols*, *uma avalanche de protestos*, *um vendaval de influências* e *uma enchente de cartas*. Assim, os lexemas em negrito evocam, além do *frame* Atributos_naturais, o *frame* Movimento_massivo como domínio-fonte, daí o mapeamento entre este *frame* e o *frame* Quantidade.

Os núcleos lexicais das expressões *um mar de*, *um oceano de*, *uma floresta de*, *uma galáxia de*, *um montão de* e *uma montanha de* compartilham o *frame* de Atributos_naturais e, devido à grande extensão que podem ocupar no espaço, todas podem ser compreendidas como grandes contêineres, sendo este esquema um provável fator cognitivo no processo de quantificação. Quanto às ULs *montão* e *montanha*, podemos inferir que a participação destas nas expressões de quantificação é também motivada pelo esquema de Verticalidade.

Outro tipo de mapeamento entre domínios que parece fazer uso do esquema de Contêiner, porém de maneira distinta da descrita anteriormente, é o que se verifica com a UL *caminhão*. A construção *um caminhão de dinheiro* constitui um processo metonímico, no qual o todo (*caminhão*) ativa a parte (*caçamba*), representando-a em condições suficientes para a conceptualização de quantificação. Nesta representação todo-parte, temos uma relação intradomínial, na qual é evocado o *frame* Unidade_de_medida a partir do *frame* Veículo, para que, posteriormente, seja feito o mapeamento metafórico entre estes domínios e o domínio da quantificação. Tal processo parece corresponder ao fenômeno da Metafonímia (GOOSSENS, 2003), no qual uma construção metafórica é licenciada a partir de uma projeção metonímica.

Do ponto de vista da Linguística Cognitiva, tais esquemas são imprescindíveis na compreensão dos processos de conceptualização humana. Como vimos acima, o estudo de tais configurações da experiência pode levantar hipóteses a respeito da motivação dos usos metafóricos de expressões como as de quantificação. Embora no escopo da anotação lexicográfica tal estudo atualmente não tenha aplicação, visto que a FrameNet ainda não disponibiliza representações semelhantes a esquemas imagéticos, a ferramenta FrameGrapher parece reiterar algumas das questões levantadas anteriormente, a partir de relações interframes que apresenta.

Assim, como já se registra na FrameNet, a UL *pilha*, pode evocar em seu sentido literal o *frame* Preencher, o qual estabelece relação de herança com Colocar_em_Contêiner_focado, em virtude da experiência básica de preencher espaços (“empilhar objetos” também é um tipo de preenchimento de contêiner, que resulta no esquema de Verticalidade e na noção: Mais é pra cima). Da mesma forma, o *frame* Movimento_massivo, evocado pelas ULs *enxurrada*, *avalanche*, *vendaval* e *enchente*, estabelece relação de herança com Movimento, já que é mais específico do que este, e usa o *frame* de Abundante_em, uma vez que a substância massiva pode cobrir um local específico. Observamos que tais relações permitem identificar alguns dos processos cognitivos de inferência que um indivíduo utiliza, inconscientemente, para que construções metafóricas sejam licenciadas no uso linguístico.

Muitas dessas pistas, entretanto, parecem não ser suficientes para esclarecer algumas questões levantadas, dentre elas: como tratar a diferença entre *montanha* e *mar*, que evocam o mesmo *frame* (Atributos naturais), mas que licenciam a construção metafórica a partir de esquemas distintos? Parece difícil, neste caso, tratar essa diferença em termos de relações interframes. Esses e outros questionamentos levantam discussões importantes a respeito do tratamento metafórico de ULs dentro da FrameNet e, obviamente, ainda há muito o que se discutir e investigar.

3. A FrameNet e a Anotação dos Quantificadores

A anotação lexicográfica realizada na FrameNet possui como unidade de análise a Unidade Lexical e resulta numa espécie de dicionário que guia o usuário ao *frame* que a palavra consultada evoca, exibindo uma lista de outras palavras (ULs) evocadoras do mesmo *frame*, além de sentenças anotadas com relação às suas valências e às relações interframes (SALOMÃO, 2009a). Os dados extraídos de corpus permitem verificar o uso empírico das expressões analisadas e a anotação de sentenças busca rastrear, com exaustividade, as possíveis funções semânticas (elementos de *frame*) e gramaticais (função gramatical e tipo sintagmático) que os elementos que compõe a valência de uma UL podem assumir.

Contudo, a anotação lexicográfica não se limita apenas a este tipo de informação, incluindo, quando necessário, outras camadas de anotação para os casos de sentenças metafóricas, expressões idiomáticas, elementos suporte, contextos construcionais específicos e outros. Cabe ressaltar que, no processo de anotação, a descrição da valência pode ser entendida como a identificação de quais argumentos sintáticos preenchem os espaços

semânticos numa determinada sentença. Nisso, a FrameNet diferencia-se ainda mais de outras fontes lexicográficas, pois não ignora informação sintagmática, combinando-a com anotação semântica.

Além disso, o processo de análise e anotação lexicográfica realizados na FrameNet não se encerra em descobrir os *frames* que as ULs evocam, pois buscam, sobretudo, desvendar todo e qualquer tipo de informação semântica que seja relevante para o uso e interpretação de uma dada UL. Assim, a FrameNet também se ocupa em descrever o que seus pesquisadores designam como Nomes Transparentes. Tais termos correspondem ao N₁ de construções com o padrão N₁ de N₂ (*xícara de café, grupo de jovens, garrafa de vinho*), desempenhando a função de denotar alguma propriedade (quantidade, porção, tipo, avaliação, etc.) do termo que acompanha. Embora encabecem o sintagma, tais nomes não constituem o núcleo semântico destas expressões e a omissão dos mesmos não seria capaz de alterar o significado global da sentença.

Do ponto de vista da anotação lexicográfica, os aspectos descritivos perfilados pelos nomes transparentes têm, geralmente, pouca influência sobre a determinação do preenchimento dos papéis semânticos, pois se considera mais importante a semântica da entidade sendo descrita (RUPPENHOFER et.al 2010, p.81). Uma maneira ilustrativa de explicar a transparência destes termos é a seguinte: numa sentença como “*Nada impede que você case e tenha um CAMINHÃO de filhos com a filha da madrasta*”, o verbo (*tenha*) “enxerga” seu argumento N₂ (*filhos*) através de N₁ (*caminhão*).

Não há dúvidas de que, quanto à marcação temática, os quantificadores sejam irrelevantes, no entanto, como observa Brodbeck (2010, p. 122), do ponto de vista conceptual tais expressões são indispensáveis, uma vez que a sentença *O autor recebeu **uma enxurrada de críticas*** diferencia-se consideravelmente da sentença *O autor recebeu **muitas críticas***.

Ao observarmos a anotação lexicográfica dos nomes transparentes na seção *Lexical Entry Report* da FrameNet, onde se encontra os padrões de valência dos termos que compõem o *frame*, percebemos que estes são classificados como DEN, devido à função que desempenham de denotar alguma propriedade da entidade que acompanham – no caso dos quantificadores, a propriedade que denotam é a de quantidade. Assim, as camadas de anotação Função gramatical e Tipo sintagmático são preenchidas por tal rótulo, enquanto a camada Elemento de Frame é preenchida pelo EF que o nome transparente perfila em um determinado frame – os quantificadores são representados pelo EF quantidade. Este tipo de anotação diferencia-se das demais, pois fornece informação semântica adicional, ou seja, a indicação da definição da UL. Assim, percebemos que, embora a interface sintaxe e semântica

seja de extrema importância para o estudo realizado até então, a última parece ser a principal motivadora das escolhas adotadas pela FrameNet no processo de anotação lexicográfica.

Assim, diante das pesquisas realizadas e dos dados já coletados, verificamos a possibilidade de contribuirmos para a ampliação do banco de dados da FN, através da descrição lexical da quantificação no PB. Embora a ferramenta não possibilite a descrição da Construção de quantificação, uma vez que tem como unidade de análise a UL, propomos que a anotação seja feita a partir das ULs que constituem o núcleo sintático (N_1) da construção (*montão, pilha, enchente, porrada*, etc.), bem como dos demais quantificadores já estabelecidos na língua (muitos, vários, poucos, etc). Tal empreendimento pode contribuir, posteriormente, para o estudo da CQIDP. Essa proposta, contudo, deve ser apresentada com uma ressalva. Segundo nossa análise, o núcleo da CQIDP (*enchente*, por exemplo) não é capaz de evocar, sozinho, o *frame* de quantidade, já que assumimos que este é evocado pela construção de quantificação (*uma enchente de dinheiro*). Apesar disso, acreditamos que seja viável prover a descrição da Quantificação na FrameNet Brasil, utilizando para isso os núcleos desta construção, tal como ocorre na FrameNet americana. Até porque, a descrição da valência da UL preservará as informações acerca do padrão construcional em questão.

Considerações finais

O estudo da quantificação nominal no PB, levando em consideração o uso linguístico, indica que há muito mais para se revelar do que sugerem os compêndios gramaticais da língua. A FrameNet se apresenta, de fato, como uma possível solução para o tratamento da Quantificação nessa perspectiva – por se sustentar na Semântica de *Frames* e por se constituir como uma ferramenta de descrição da língua em uso. Mais especificamente, o Constructicon parece ser um grande avanço no sentido de tratar os padrões construcionais do Português, mas, como toda empreitada do tipo, nos coloca diante de grandes desafios teóricos e analíticos.

Referências Bibliográficas

BRODBECK, R. C. M. S. *Um monte de problemas gera uma chuva de respostas: um estudo de caso de desencontro na quantificação nominal em português*. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2010.

CROFT, W. Construction Grammar. In: GEERAERTS, D. & CUYEKENS, H. *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford – New York: Oxford University Press, 2007, p. 463 – 508.

FILLMORE, C.J. Frame Semantics. In: THE LINGUISTIC SOCIETY OF KOREA (org.). *Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hanshin, 1982.

_____. Border Conflicts: FrameNet Meets Construction Grammar. In: EURALEX,13, 2008, Barcelona. *Anais...* Barcelona: Universitat Barcelona Fabra, 2008.

LAKOFF, G & JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980, 2007.

PETRUCK, M. Frame Semantics. VERSCHUEREN, J., OSTMAN, J., BLOMMAERT, J. and BULCAEN, C. (eds.) *Handbook of Pragmatics*. Philadelphia: John Benjamins, 1996.

RUPPENHOFER, J.; ELLSWORTH, M.; PETRUCK, M.; JOHNSON, C.; SCHEFFCZYK. *FrameNet II: Extended theory and practice*. Disponível em: <http://framenet.icsi.berkeley.edu/>. Acesso em: 04/08/2012.

SALOMÃO, M. M. M. FrameNet Brasil: um trabalho em progresso. *Calidoscópico*, São Leopoldo: UNISINOS, vol. 7 n. 3, p. 171-182, set/dez 2009a.

_____. Tudo certo como dois e dois são cinco. Todas as construções de uma língua. In: MIRANDA, N. S. & SALOMÃO, M. M. M. (Org.). *Construções do Português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: UFMG, 2009b.

SAMPAIO, T.F. *A família de Construções de Argumento Cindido no Português do Brasil*, 2010. Tese (Doutorado em Linguística) – PPG em Linguística – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

SARDINHA, T, Berber (2004). *Linguística de Corpus*. Barueri, SP: Manole

SWEETSER, E. E. Grammaticalization and Semantic Bleaching In: XIV REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE LINGUÍSTICA DE BERKELEY, 1988. *Anais...* Berkeley, 1988, pp. 389-405.